

**Hoje é dia de Maria e Amanhã Também: Uma Pesquisa-Ação sobre as Práticas de Leitura da Narrativa Televisual em Contextos de Mediação Escolar.**

**Miriam Moema PINHEIRO**

**Dr. Adriano Lopes Gomes**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN**

## **Resumo**

O presente projeto de pesquisa tem como temática a Televisão, Literatura e Recepção. buscamos analisar o modo como um grupo de jovens estudantes da primeira série do ensino médio, desenvolve a leitura e atribui sentido ao texto televisual do gênero ficção, formato minissérie, Hoje é dia de Maria, veiculada pela Rede Globo de Televisão, canal aberto.

Esta temática se insere na discussão mais ampla do tema Leitura de imagem, Literatura e a estética da recepção. Com base na teoria do efeito estético (Iser, 1996) nos propomos a discutir a minissérie Hoje é dia de Maria (2002) a fim de compreender como os leitores incorporam as orientações internas do texto televisual, como percebem o modo pelo qual o sentido está constituído e sua interação com a cultura.

Tomaremos como base fundante para o projeto de investigação, a teoria do efeito estético, partindo de dois pontos centrais, a interação texto-leitor e a concepção do leitor implícito. Pretendemos construir uma articulação entre essas idéias-chaves e determinados conceitos da estética da recepção com a intenção de adicionar novos pontos de vista necessários para compreender a participação do leitor na constituição do sentido da obra literária televisual.

Privilegiaremos do ponto de vista teórico, a construção de Iser Wolfgang e do ponto de vista empírico, um grupo de jovens telespectadores que assistiram a minissérie Hoje é dia de Maria, buscando entender o modo como o leitor atribui sentido a esse texto composto na sua essência de imagens.

**PALAVRAS-CHAVES:** televisão; leitura; literatura; recepção.

## **Justificativa**

A linguagem visual e verbal trava diálogos intensos entre si e provocam outros entre autores e leitores. Atualmente percebemos uma interação cada vez maior pelas possibilidades de diferentes linguagens se iluminarem mutuamente na busca de ampliar seus meios expressivos e suas leituras.

No entanto, percebemos que o processo de significação midiático, particularmente na televisão, vem adquirindo cada vez mais importância, alcançando destaque na sociedade, representando um papel determinante na formação de um novo leitor, exigente de seu papel na reorganização da maneira de perceber o mundo e os aspectos da vida atual.

Estamos vivendo numa época em que os criadores e produtores promovem diálogos ora mais ora menos intensos entre as diferentes linguagens e formatos visuais, as fronteiras entre gêneros e formatos são discutíveis e esse é um debate presente no panorama da produção cultural contemporânea. O que está em jogo, são as questões estéticas e técnicas. São produções híbridas que resultam da interação de linguagens, da simultaneidade dos elementos visuais, que se fundem para determinar um novo ritmo de leitura, leitura fragmentária, não linear.

O estudo da cultura pós-moderna, a chamada cultura visual, vem-se desenvolvendo nas mais diferentes áreas do conhecimento. Manguel (2001) afirma que nossas experiências diárias são permeadas de imagens de todos os tipos e que as lemos constantemente – códigos textuais, gráficos e visuais. Portanto, o conceito de leitura é muito mais vasto que o usualmente empregado. Segundo o autor, ao contrário do que ocorria durante as sociedades de imagens da Idade Média ou Renascimento, hoje, com as novas mídias, nossa realidade passa a ser construída através da representação imagética e não de um objeto real. Observamos, portanto, a necessidade de criação de mecanismos para a leitura desses novos, múltiplos e poderosos códigos visuais que invadem nossos espaços públicos e privados, através da mídia televisiva.

Conquanto, possamos dizer que para participar do mundo da cultura é importante conhecer as estruturas, e entendemos que a ordem de funcionamento da mídia (especialmente a televisão) é comparável a uma máquina de sustentação das relações sociais. Os discursos sociais, os processos de significação que circulam na mídia, assim como os modos como acontecem as recepções dessas significações, passam a ser objetos de pesquisa de diversos campos que intencionam desvendar através de suas análises, seus possíveis sentidos.

Nestes tempos de proliferação ostensiva e exacerbação de imagens, em que *Ver*, muitas vezes, substitui o *Compreender*, o dotar de sentidos, o sujeito como ser pensante, considerado como sede de conhecimento, assume o papel preponderante no processo que se estabelece na relação recíproca entre sujeito comunicante e sujeito destinatário se definindo como seres de fala no campo do dizer.

Nesse sentido, pensamos que a importância da posição do sujeito é dada, pois, como condição de interpretante dos discursos sociais, visto que a informação e a comunicação são noções que reenviam a fenômenos sociais. Cabe portanto, enfatizar que o estudo do sentido através da disposição textual dos signos é uma operação complexa, pois, o sentido põe em jogo a pluralidade.

No entanto, vale a pena pensar que é através da interpretação dos discursos que o sujeito da recepção investe por conta própria no conteúdo que lhe é apresentado, muitas vezes, correndo o risco de elaborar uma análise superficial a até mesmo de não compreender o que está sendo exposto pelo texto.

Esta situação demonstra o quanto se faz importante uma leitura em profundidade do código audiovisual e sistemas diferentes. Como modalidade de atribuir sentidos às coisas, de interagir com o que se lê, de interpretar os signos que estão em nossa volta, à leitura é considerada como uma interação entre o texto e o leitor segundo a concepção de Iser (1996).

Por tudo exposto, entendemos que realizar um trabalho de pesquisa como este poderá redimensionar as concepções de leitura inseridas na perspectiva da formação do leitor.

Assim, pretendemos desenvolver um estudo de natureza intervencionista para averiguar as condições de produção de sentido a partir da mediação de um leitor experiente, em situação escolarizada, definindo-se estratégias didático-pedagógicas para facilitar o ensino da leitura televisual.

Admitimos como urgente e necessária à reflexão da leitura televisiva em ambiente escolar tendo em vista a complexa realidade educacional no tocante ao analfabetismo funcional e, por extensão ao iletramento televisual.

### **Hipótese**

A televisão se encontra no cenário midiático brasileiro, como o meio de comunicação de maior audiência. A prova disso é que 97% da população no Brasil assiste televisão, numa média de quatro horas diante do aparelho de tevê, com destaque para os produtos ficcionais, tais como: telenovelas, seriados e minisséries.

Em razão dessa realidade, nossa hipótese é a de que a narrativa literária na televisão pode promover o gosto pela leitura e a formação de leitores, pois o texto literário bem trabalhado, pode ampliar os referenciais de mundo do leitor, despertando um gosto latente, e aproximando-os dos múltiplos textos com os quais convive em sua vida diária: escrito, oral, visual e propagandístico.

## **Objetivos**

### **Geral:**

Investigar as estratégias cognitivas, na articulação de elementos didático-pedagógicos, no processo de mediação em sala de aula para promover a compreensão dos interlocutores de narrativas televisuais.

### **Específicos:**

Compreender como se constrói a leitura da imagem na TV por um grupo de jovens estudantes da primeira série, do ensino médio, de uma escola pública, situada geograficamente na cidade do Natal;

Analisar como o aluno/leitor atribui sentido ao texto televisivo do gênero ficcional, formato minissérie;

Refletir sobre o significado das informações contidas no texto televisivo, buscando a relação com o leitor.

Apresentar uma estrutura didática para o processo de leitura da imagem mostrando que sua significação pode tecer o itinerário argumentativo do conhecimento.

## **Revisão Bibliográfica**

Na vida contemporânea, quase tudo que sabemos sobre o conhecimento produzido nos chega via tecnologias da informação e comunicação, que por sua vez, constroem imagens do mundo. Estamos hoje mergulhados num oceano de imagens, muitas vezes, sem modelo, num cruzamento de significações. São imagens para deleitar, entreter, vender, que seduzem e até mesmo nos aprisiona.

O crescente interesse pelo visual vem inquietando antropólogos, sociólogos, comunicadores e educadores, que preocupados se dispõem a discutir sobras as imagens e sobre a necessidade de uma alfabetização visual que se expressa em diferentes designações e uma delas é a leitura de imagem. Podemos nos perguntar: Por que da leitura de imagem? A expressão começou a circular na área de artes e comunicação no final de 1970 com a explosão dos sistemas audiovisuais, mais especificamente a televisão que iniciava seus processos comunicativos materializando-os em textos.

A característica principal dos produtos televisuais é a complexidade, visto que na produção de qualquer um deles, seu conteúdo expressa-se simultaneamente através da articulação de diferentes linguagens visuais e sonoras. São produtos de realidades discursivas distintas, mundos industrialmente construídos que assim como outros produtos acabados, são oferecidos ao mercado global.

Diante dessa situação nos parece que cabe ao telespectador o reconhecimento do conteúdo ou tipo de realidade que lhe está sendo ofertada e do regime de crença que a TV lhe propõe. Um dos tipos de realidade mostradas na televisão é a ficcional, que não tem compromisso direto com o mundo exterior, mas com uma coerência interna ao discurso que

produz, constituindo-se naqueles produtos ficcionais que mais chamam a atenção do público telespectador que são: telenovelas, seriados e minisséries.

Nesse grande cenário narrativo que a televisão coloca a disposição dos espectadores, a informação intercambia seus signos, a ficção com o real, o autêntico com o artificial, o que indica uma certa complexidade no processo narrativo da televisão. Esses trânsitos complexos e frenéticos que constituem o discurso televisual escondem interesses econômicos, deliberadamente essa confusão resulta na configuração de um mundo feito pelas linguagens, o que exige uma leitura apurada dos textos audiovisuais.

Quanto à análise das imagens, essa se justifica devido a sua presença cada vez mais constante nos nossos dias. Isso advém do próprio processo evolutivo da humanidade. Desde tempos remotos da era pré-histórica, a imagem tinha um papel importante na comunicação (os desenhos encontrados nas cavernas). Com o aprimoramento da linguagem e do sistema comunicativo, a leitura “sem palavras” está cada vez mais presente com sua multiplicidade de cores e formas, propiciando ao leitor um olhar crítico em constante movimento, capaz de ver, observar, refletir, e criar. Nesse aspecto a leitura da imagem se torna interessante, na medida em que se propõe a discutir a produção de sentido e o efeito por ela provocado.

Uma obra que fundamenta a leitura da imagem é a da desenhista Dondis Dondis, a *Primer of Visual Literacy* (1973), na qual a autora introduz o conceito de alfabetismo visual. No livro, ela propõe um sistema básico de aprendizagem, identificação, criação e compreensão de mensagens visuais acessíveis a todas as pessoas.

A semiótica introduz no modelo da leitura da imagem, as noções de denotação e conotação, as quais refere-se ao significado entendido “objetivamente” ou seja o que se vê na imagem se faz à descrição das situações, figuras, pessoas e ações em espaço de tempos determinados. Já a conotação, refere-se às apreciações do interprete, aquilo que a imagem sugere e ou faz pensar o leitor.

A abordagem da leitura crítica das imagens de Kellener (1995) influenciou o trabalho de educadores que se refere a uma pedagogia da imagem. Essa concepção situa-se no marco teórico dos Estudos Culturais, e considera que a educação não se restringe às formas legais organizadas na instituição escolar. Grande parte dos mecanismos tem como função primeira educar os sujeitos para que vivam de acordo com as regras estabelecidas socialmente.

É nesse sentido que consideramos a produção de imagens como um desses mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais. As imagens não cumprem apenas a função de informar, mas também de educar e produzir conhecimento. A partir dessa compreensão, Kellener argumenta ainda que ler criticamente implica aprender a apreciar, decodificar e interpretar as imagens, analisando a forma como são construídas, assim como o conteúdo que comunicam.

Numa vertente interacionista e significativa da leitura, Smith (1999) sugere que devemos por fim as intermináveis discussões semânticas sobre as definições de leitura e se pense o processo de leitura. Para ele, os bens simbólicos produzidos pela humanidade são codificados de formas diversas, mas mantêm uma estreita relação entre si e se expressam no que se convencionou chamar de “Semiose Cultural” uma ampla rede de significados. Porém, a recepção desses bens simbólicos pode ser compreendida como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto.

Para contemplar as discussões sobre a noção e atuação do leitor e os aspectos da recepção de maneira geral, encontramos respaldo nas abordagens dos precursores da estética da recepção e do efeito, tais como: Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que contribuíram para demolir a concepção textualista de que o livro se basta. De acordo com o pensamento dos autores, o leitor e o texto dialogam e nesse diálogo contínuo, os dois se transformam. Nem o leitor e nem o texto se superpõem um ao outro.

Dessa forma, o caminho natural das discussões teóricas foi colocar em destaque o Ato de Leitura, que atribui ao leitor um papel nuclear. Iser enfatizou esse fato na primeira edição de seu livro: O ato da leitura:

Como o texto literário só produz seu efeito quando é lido uma descrição desse efeito coincide amplamente com análise do processo e leitura. Por isso a leitura encontrasse no centro das reflexões seguintes, pois nela os processos pelos textos literários podem ser observados. (ISER, 1996, v.1, pg. 15).

O propósito de colocar em evidência a estética da recepção e do efeito, objetiva demonstrar a importância do leitor na configuração de sentidos textuais. No entendimento deste autor, é preciso que se faça algumas ressalvas. A chamada estética da recepção pressupõe um desdobramento entre a recepção propriamente dita e uma análise do efeito

estético. Deste ponto de vista, a estética da recepção diz respeito ao modo como os textos tem sido lidos e assimilados nos vários contextos históricos. Por esta razão é necessário mapear as atitudes que determinaram certo modo de compreensão dos textos numa dada situação histórica.

Por outro lado, o termo “efeito estético” tem sido utilizado porque ainda que se trate de um fenômeno desencadeado pelo texto, a imaginação do leitor é acionada para dar vida ao que o texto apresenta e reagir aos estímulos recebidos. Segundo Iser, uma teoria do efeito estético se depara com o seguinte problema: De que maneira uma situação nunca formulada até aquele momento ou uma realidade virtual que emerge com a obra, mas não dispõe de nenhum equivalente no mundo empírico pode ser apreendida, assimilada, e até efetivamente entendida?

O autor mostra que o texto só se concretiza através da atuação do leitor e que por essa razão não pode ser compreendido como sendo que por si mesmo uma forma que assegura sua significação. A simples procura de significados contidos no texto não proporciona validade ao ato de leitura, ele deve ser capaz de suscitar sempre a interação entre o texto e leitor.

Com relação à noção de leitor, JAUSS (1994) diz que o leitor recebe a obra e a atualiza com sua leitura. Pautado em suas experiências passadas – tanto estéticas, quanto às experiências do mundo – o leitor dialoga com a obra, quando busca hipóteses, confirmações, enfim busca sentido e constrói uma significação para ela, que pode corroborar ou não, com o que o autor pretendia inicialmente com a obra.

A noção de leitor enquanto receptor participante alia-se à noção da estética da recepção, segundo a proposta de Hans Robert Jauss

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra, nem pela reconstrução da intenção de seu autor. Antes, a experiência denominada “primária” de qualquer obra de arte realiza-se com o seu efeito estético, constituído de compreensão fruidora e de fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivou a idéia de que o texto foi não pelo leitor, mas especialmente para ser interpretado. (Jauss, 1994).

Nessa proposta fica clara a importância do efeito e da significação do texto para o leitor. No que diz respeito à expectativa, Jauss nos explica que a sua reconstituição se faz necessária na medida em que se estabelece uma relação dialógica entre o texto e o leitor.

Sobre o efeito estético de um texto o autor afirma que há dois momentos simultâneos no contato leitor/obra: está ao mesmo tempo, em que provoca uma reação naquele, também naquele, muda historicamente ao ser recebida e entendida de diferentes modos. No entanto, Jauss ao se referir a Iser, destaca a importância de se diferenciar os dois modos de concretização da leitura: O horizonte implícito, de expectativa proposto pela obra traz orientações prévias e o horizonte explícito tem uma recepção condicionada pelo leitor, que dialoga com a obra de acordo com suas experiências pessoais.

O autor enfatiza respectivamente, o leitor explícito e implícito, bem como sua importância na construção do sentido da obra. Desse modo ressalta também que o efeito estético prescinde da sua recepção que se dá pela compreensão na sucessão dos elementos do texto (narrativo, poético e imagético). Para ele, a partir da compreensão, ocorre a interpretação, nomeada por Jauss de “concretização de uma significação específica”.

Em consonância à teoria de Jauss, podemos depreender da leitura de Iser que a leitura da obra literária necessita da co-participação do leitor, quando do preenchimento das lacunas disseminadas pelo texto e por meio de sua experiência e fantasia. O que importa ressaltar nisso tudo, é que o texto e o efeito estético proporcionam ao leitor a condição de por em cheque todas as questões subjacentes e por meio da linguagem (palavra ou imagem) conseguir sair do “jogo da leitura”, diferente de quando entrou: mais experiente e por isso mais humano.

### **Procedimentos Metodológicos**

Para realizar a presente pesquisa, partiremos de uma mostra de textos televisuais, assim configurados na minissérie Hoje é dia de Maria, produzida pela Rede Globo de Televisão em 2005, com texto de Carlos Alberto Sofredini, que utilizou como base contos dos folcloristas nordestinos Câmara Cascudo e Silvio Romero, dirigida por Luiz Fernando de Carvalho em janeiro de 2005, com temática universal, mas com cara de Brasil. Uma referência das atividades da emissora, apontando também um caminho de remodelagem da TV no Brasil.

Nossa escolha deve-se ao fato de que essa minissérie representa um marco qualitativo na inovação da linguagem televisiva contemporânea, utilizando-se de recursos, estéticos, técnicos e simbólicos para construir uma narrativa na expectativa de potencializar audiências.

Contudo, dada a sua forma expressiva inovadora, com características que transcendem o senso comum, a referida minissérie apresenta uma densidade semântica que possivelmente promoveu conflitos de interpretação junto aos receptores, situação essa identificada nos

dados quantitativos apresentados pelo jornal eletrônico Yahoo Notícias,(2005) a minissérie atingiu média de 36 pontos de IBOPE, referentes à audiência.

Diferentemente das demais pesquisas nas quais os grupos pesquisados são tidos como “passivos”, como simples reservatórios de informações, demonstrando incapacidade analisar sua própria situação e conseqüentemente de procurar as soluções para os problemas detectados, elegemos como método da nossa investigação, a pesquisa-ação que procura auxiliar os grupos envolvidos nas situações investigadas, identificam por si, os seus problemas e incentiva o empreendimento de esforços para buscar as soluções adequadas bem como a elucidar ações a serem desencadeadas. Desse modo, a seleção dos problemas a serem levantados para análise, emerge dos grupos envolvidos no processo investigativo que discutem juntamente com o pesquisador.

No nosso caso, o espaço de atuação da pesquisa será o ambiente de sala de aula, tendo como sujeitos da ação, os alunos da primeira série do ensino médio, de ambos os sexos, com idades diferenciadas, cuja escola pública será escolhida aleatoriamente. A mostra de sujeitos recai sobre a nova realidade e desafios que se apresentam aos alunos desse nível escolar, tendo em vista as exigências que lhes são atribuídas, vislumbrando-se o vestibular que permitirá o acesso ao ensino superior.

Em vista dessas considerações, o presente projeto pretende, em um primeiro momento, fazer uma leitura da narrativa literária televisiva, “Hoje é dia de Maria”. Pretendemos desenvolver a pesquisa em quatro fases:

1. Conhecer o grupo, fazendo uma identificação social dos seus integrantes;
2. Identificar os aspectos que o grupo considera relevantes para a compreensão de uma obra televisual;
3. Definir um programa de ação que contribua no entendimento da significação na televisão;
4. Aplicação e acompanhamento do programa de ação.

No decorrer da primeira fase, devemos efetivar as seguintes tarefas:

- a) Conhecer o grupo através da identificação de sua estrutura social;
- b) Apresentação e discussão do projeto de pesquisa ao grupo;

- c) Elaboração de um cronograma de atividades a serem implementadas com o grupo;
- d) Levantamento do ponto de vista do grupo sobre dos aspectos considerados relevantes que dificultaram a leitura da minissérie, com vistas a elaborar um diagnóstico preliminar apontando as razões que contribuíram para isso.

A terceira fase da pesquisa é composta de um programa de ação assim constituído:

1. Selecionar a edição da minissérie Hoje é dia de Maria, assim reconhecida por seu conjunto de oito capítulos de 45 minutos, apresentada em alusão à passagem dos 40 anos da Rede Globo de Televisão;

2. Exibir a minissérie em 10 sessões, nas aulas de Língua Portuguesa ou Literatura, na sala de aula para os alunos da primeira série do ensino médio de uma escola estadual em Natal. Todas as sessões serão gravadas em vídeo para análise.

3. Todo o processo de leitura da minissérie Hoje é dia de Maria será viabilizado por intermédio da mediação estimulada pelo pesquisador de modo a provocar os alunos sobre a obra e seus efeitos;

4. Depois da exibição, e instigados pela pesquisadora-mediadora, cada aluno, deverá falar sobre os aspectos positivos e negativos, as idéias principais, o que dizem as cenas, (significados) o que mais chamou atenção visualmente. A mediadora relacionará os dados, questionará as argumentações apresentadas e os resultados das discussões serão registrados em vídeo.

5. Após a leitura da minissérie, propomos a análise dos dados coletados (gravações de vídeo) a fim de que possamos identificar o modo como os atores envolvidos atribuíram sentido ao texto televisual e se houve interação entre texto e leitor;

6. Com os resultados analisados, pretendemos apresentar um roteiro didático para leitura da Imagem televisual numa expectativa positiva de contribuir para o aluno melhor compreender as narrativas televisuais.

Esperamos, portanto, que trabalhar na perspectiva da compreensão da leitura da imagem televisiva, no contexto escolar, possa nos auxiliar a estabelecer mecanismos didático-pedagógicos, visando contribuir para a inteligibilidade dos textos e, sobretudo para reduzir o analfabetismo visual e, por extensão o iletramento televisual.



## Referências

- ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual: uma visão psicológica da visão criadora.** São Paulo: Edusp, Pioneira, 1989.
- AUMONT, Jacques. **A imagem.** São Paulo: Papirus, 1993
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1995
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. **Estética da Criação Verbal.** Tradução, Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (coleção ensino superior).
- BALOGHI, Anna Maria. **O discurso Ficcional na TV.** São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A arte de narrar.** São Paulo: Cultural, nov/2002
- BRANDÃO, Carlos (org). **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **SOBRE TELEVISÃO.** Barcelona: Anagrana, 1996
- BORBA, Maria Antonieta J. De Oliveira. **Teoria do efeito estético.** Niterói: Eduff, 2003
- COURTÈS, Joseph. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva.** Coimbra: Almeidira, 1979.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance.** 2ed. São Paulo: África, Ática (Série Princípios).
- DONDIS, Dondis. **A Sintaxe da linguagem Visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1991
- DUARTE, Elisabete Bastos. **Televisão. – Ensaios Metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004
- FAUSTO NETO, Antonio. **Desmontagens de sentido – leituras de discursos midiáticos.** João Pessoa, Universitária UFPB, 2001.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1983
- GREIMAS, Algirdas J. **Sobre o sentido – ensaios semióticos.** Petrópolis: Vozes, 1975
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução por Johannes Kretschmer. São Paulo: editora 34, v. 1 1996.
- \_\_\_\_\_. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coordenação e tradução por Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.(coleção literatura e teoria literária; v. 36). P 83-132.
- \_\_\_\_\_. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: Lima, Luiz Costa.. **Teoria da literatura em suas fontes.** 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. p. 384-416.
- JAUSS, Hans Robert. Pour une esthétique de la réception. Paris: éditions Gallimard, 1978
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. São Paulo: Papirus, 2001.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa.** Teoria do efeito estético, Niterói: Eduff, 2003
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo.** 7 ed. São Paulo: Ática, 1994. (Série Princípios).
- LEITE, M. L. M. (ogrs) **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas: Papirus, 1998. p. 51-64.
- LIMA, Luis Costa (org). **A literatura e o leitor: Textos da estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens. São Paulo:** Companhia das Letras, 2001.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Senac, 2000.
- NOVAES, Adauto. **O OLHAR.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PARSONS, M. J. **Compreender a arte.** Lisboa: Presença, 1992.
- ROSSI, M. H. **Imagens que falam.** Porto Alegre: mediação, 2003.
- SMITH, F. **Leitura significativa.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999
- SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil.** Petrópolis, vozes, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 1969.